



## **SOBRE O *HOMO DISCIPLINATUS*: UMA VISÃO SÓCIO-ANTROPOLÓGICA DO ARTISTA MARCIAL**

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel\*  
Mauricio Murad\*\*

### RESUMO

Este artigo busca apresentar diversas reflexões sobre a transformação do ser humano através dos tempos, suas manifestações em relação à violência e como os ensinamentos filosóficos educacionais e os valores éticos e morais permeados pelas artes marciais podem contribuir para a transformação do indivíduo e conseqüentemente de toda sua sociedade. Embora muito do imaginário popular conduza as artes marciais ao foco de violência, esclarece-se que tais artes são antagônicas às manifestações de violência quase sempre estimuladas pelo ego humano. Este artigo veio contribuir para as pesquisas socioculturais no universo das artes marciais, já que não são muitas as publicações sobre este foco e temática no Brasil.

**Palavras-chave:** Ser Humano. Valores Educacionais. Artes Marciais.

\*Mestrado em Ciências da Atividade Física – Universidade Salgado de Oliveira – Niterói, Brasil  
Presidente da Associação de Kung-Fu Shaolin de Niterói e  
Diretor da Federação de Kung-Fu do Estado do Rio de Janeiro

\*\*Doutor em Sociologia do Esporte – Universidade do Porto – Porto, Portugal  
Professor (titular) da Universidade Salgado de Oliveira e Professor (adjunto / aposentado) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro



## ABSTRACT

**ABOUT THE *HOMO DISCIPLINATUS*: A SOCIO-ANTHROPOLOGICAL VIEW OF THE MARTIAL ARTIST**

This paper aims to present many reflections about the human being transformation through the time, its manifestations regarding violence and how philosophical teachings and ethical-moral values, permeated by the martial arts, may contribute for the transformation of the individual and, consequently, of the its society. Although a great part of the popular imaginary associate the martial arts with a focus on violence, we make clear that such arts are antagonistic to manifestations of violence, which are almost stimulated by the human ego. This paper contribute to the social-cultural research in the martial arts universe, since there isn't many work with this focus and theme in Brazil.

**Key words:** Human. Educacional Values. Martial Arts.

**1 REFLEXÕES E TEORIAS DIVERSAS SOBRE O SER HUMANO E A HUMANIDADE**

Aparentemente, quando o ser humano adquiriu um pensamento reflexivo mais complexo, deu início, mesmo sem saber, às filosofias e às ciências, tanto naturais quanto sociais. É observado por Tubino (1990, p. 1) que ao decorrer da história, o ser humano tem estado “[...] na busca incessante por uma definição que possa explicar as suas relações com a sociedade em que vive [...]”. Poder-se-ia dizer aqui, que essa busca é parte constituinte da essência do ser humano. Logo, um exemplo do conceito de “identidade” (Murad, 2007).

Apesar de definições históricas anteriores importantíssimas, como por exemplo, o “*Homo Habilis*”, o primeiro a conceber mapas mentais do ambiente, a ter a inteligência social da linguagem e a utilizar pedras lascadas como ferramentas manuais (OLIVA *et al.*, 2006) e o “*Homo Erectus*”, o primeiro ascendente do ser humano atual a andar com seu tronco na vertical (DADOUN, 1998), foi o “*Homo Sapiens*” que se tornou o grande divisor de águas no planeta Terra, com sua esplêndida capacidade de racionalizar pensamentos complexos de forma superior aos demais seres vivos (TUBINO, 1990).



É dito por Dadoun (1998) que essa transformação se iniciou a partir do momento em que o ser humano, de pé e de tronco ereto, observou o horizonte e concluiu haver muito que explorar e conhecer, incluindo, conhecer a si mesmo. Nasceram aí algumas das primeiras máximas reflexivas do ser humano: “Quem sou eu? – O que é o homem?” (DADOUN, 1998, p. 5). O autor afirma que aí então, se deu a ascensão da humanidade.

A partir disso, diversas conceituações e pensamentos vieram, trazendo consigo, interpretações várias sobre o ser humano e as múltiplas facetas que a sociedade humana abrange em seu dia a dia (TUBINO, 1990). É importante esclarecer: em âmbitos pessoais, profissionais, lúdicos, políticos, econômicos, sociológicos.

Ainda em Dadoun (1998), é dito um pensamento biologicista, que coloca o ser humano como detentor da “maldade”, o “*Homo Violens*”, sendo essa, uma dimensão “natural” e formadora de sua constituição; também razão geradora de conflitos e guerras, de preconceitos, exclusões e agressões. Observando a conceituação “*Homo Violens*”, pode-se, num certo modo, relacioná-la com a clássica “Teoria do Instinto” estruturada por Freud (*apud* SANTOS, 1996; BECKER JÚNIOR, 2000), segundo a qual a violência do ser humano é tão intrínseca a ele, que deve ser exteriorizada para não causar doenças de ordens psicossomáticas ou mesmo fatalidades como suicídio.

Compartilha-se, assim também, com o pensamento de Dadoun (1998) segundo o qual o ser humano tem em sua constituição a natureza da agressividade. No entanto, defende-se que essa capacidade se fez necessária no passado da humanidade quando os ascendentes do ser humano atual tiveram que defender a si, sua prole e seu território quando atacado ou tão somente ameaçado (SANTOS, D., 2008; PIMENTA, 2009; PEREIRA; FERON, 2010). Esse fato culminou historicamente pela busca do aperfeiçoamento de métodos, técnicas, utensílios e ferramentas para autodefesa (FERREIRA, 2008). Tendo o olhar reflexivo sob um foco sócio-cultural, acredita-se que o ato de lutar faz parte da identidade do ser humano, ou mesmo de qualquer outro ser vivo (MOCARZEL, 2011).

Talvez dessa perspectiva histórica, tenha nascido o conceito sócio-antropológico do “*Homo Faber*” que abrange as capacidades físicas e intelectuais do “*Homo Sapiens*”, fazendo uso de artefatos diversos para alcançar seus objetivos de forma individual e/ou coletiva. Como exemplo, apresenta-se a citação de Escorel (1993, p. 49):

outra atividade humana é voltada para a produção de coisas, é a esfera do trabalho onde o *homo faber* interfere e interage com a natureza produzindo o seu próprio mundo. Esse mundo de coisas,



esse artefato humano, transcende as vidas dos indivíduos, mas não é na esfera do Trabalho que o homem realiza a potencialidade máxima de sua condição humana.

Assim, o “*Homo Faber*” proporcionou à humanidade muito mais artifícios para conseguir dobrar o mundo a seu bel prazer, tanto de forma ordeira e harmoniosa, quanto de forma egoística e autoritária. E o mesmo sobre seus semelhantes, pelo simples fato de alguns terem recursos e outros não, nascendo assim, uma possibilidade do emergir da ganância e da opressão no âmago do ser humano.

Dessa forma, foi mais do que necessário educar a sociedade humana para que fosse possível a sua convivência de forma mais pacífica e civilizada entre os humanos e também com o ambiente a sua volta. Essa ação, Elias (1994) chamou de “processo civilizador”, destacando que os esportes têm um papel importantíssimo na contenção das práticas “naturais” da violência. Pois, afinal, como já apontavam as clássicas reflexões de Aristóteles, “o homem é um animal político” (MURAD, 2009, p. 165). A essa faceta humana, Dadoun (1998) chamou de “*Homo Politicus*”.

## 2 AS ATIVIDADES FÍSICAS E PRÁTICAS DESPORTIVAS NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Historicamente, vê-se que as atividades físicas, os jogos e as práticas esportivas se firmaram não só como algo lúdico, mas sim como símbolo cultural de países e/ou povos diversos; ou seja, parte sólida de seus “*ethos*” (MURAD, 2007, p.19). “A história do desporto é íntima da cultura humana, pois por meio dela se compreende épocas e povos, já que cada período histórico tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete” (TUBINO *apud* MURAD, 2007, p. 16).

Os esportes tornaram-se uma representação micro-sociológica da vida cotidiana do ser humano na sociedade. A pessoa, de forma individual ou coletiva, busca incessantemente se aprimorar e progredir em seus meios de atuação (familiar, profissional, financeiro, político, amoroso e qualquer outro campo de sua inserção). Porém, a prática esportiva ainda pode proporcionar uma dádiva ao ser humano: a ludicidade, a premissa essencial da diversão, do lazer, do jogo; do “*Homo Ludens*” (HUIZINGA, 2010).

Seguindo o pensamento de Knijnik e Knijnik (2004), a ludicidade parece ser um ícone primordial da cultura humana, sendo parte fundamental e integrante dos diversos meios sociais, das artes às manifestações bélicas. Acredita-se aqui, que a afirmação anterior



pode ser apresentada a qualquer faixa etária em praticamente todas as sociedades do mundo, pois, mesmo com costumes e tradições diferentes, a busca pela diversão e satisfação seja ela de qual natureza for (física, psicológica, social etc.) é parte “natural” do ser humano (HUIZINGA, 2010).

Com o passar do tempo, diversas atividades físicas e práticas esportivas evoluíram juntamente com o crescimento das sociedades ao redor do globo, tornando-se consolidadas pela humanidade por seus benefícios educacionais, salutareos, sociais, lúdicos, dentre outros. A partir dessa premissa, surge no fim do século XX a concepção “*Homo Sportivus*”, que representa:

[...] todos aqueles que na busca de aptidão física, ou pela consciência do valor das atividades físicas na Saúde, ou impulsionados pela moda, ou perseguindo performances, ou por quaisquer outros motivos entregam-se à prática regular de exercícios físicos. (TUBINO, 1990, p.1)

Importante destacar que entre as diversas atividades físicas e práticas desportivas, muitas delas são artes marciais e em muitos casos, ícones de destaque em suas respectivas culturas. Como por exemplo, o *Kung-Fu* na China, o *Judô* no Japão e o *Taekwondo* nas Coreias (MOCARZEL, 2011).

### 3 AS ARTES MARCIAIS E A HISTÓRIA

O termo “marcial” é proveniente do nome da divindade romana das guerras, o Deus “Marte”, equivalente ao Deus “Ares” do panteão grego (LIMA, 2000; HAUSEN, 2004). Portanto, etimologicamente o termo “artes marciais” expressaria o significado “arte da guerra” (ARAÚJO, 1997; TURELLI, 2008). Porém, sob uma visão mais contemporânea, Tubino, Tubino e Garrido (2007, p. 164) dizem sobre as artes marciais que: “Atualmente, têm um largo emprego como Defesa Pessoal, Esporte, meio para Aptidão Física e saúde, meio de Educação etc.”.

É de se ressaltar, ponderando as premissas anteriores, que hoje muitas “artes marciais” são um conjunto de ferramentas sócio-educativas que contribuem para o desenvolvimento físico e na estruturação do comportamento e do caráter de seus praticantes, independentemente do local e/ou cultura, respeitando preceitos ético-filosóficos durante sua prática. De forma mais direta, Mocarzel (2011, p. 15) busca conceituar e convergir o significado da expressão, “artes marciais”, dizendo que são:



todas as técnicas marciais de caráter sócio-educativas, estruturadas em métodos didático-pedagógicos, que por sua vez são embasados por uma ou múltiplas filosofias que pregam harmonia, saúde, qualidade de vida e acima de tudo a paz por seus praticantes.

Observa-se no contexto histórico-social contemporâneo que o aprendizado e as práticas de artes marciais se concentram em núcleos de estudos originários de diversas culturas, sobretudo do Oriente. Muitos adeptos praticam treinamentos físicos e mentais, tendo como uma de suas principais metas, o caráter disciplinatório do corpo e da mente; treinamento este permeado pela cultura da arte marcial em questão (MOCARZEL, 2011).

Esse tipo de organização marcial se desenvolveu a partir da necessidade de proteção territorial contra invasões bélicas (SANTOS, D., 2008; PIMENTA, 2009; BREDA *et al.*, 2010; PEREIRA; FERON, 2010), culminando com o desenvolvimento das forças armadas para os confrontos corpo-a-corpo. Tal nível de organização foi possível devido à estruturação das artes marciais.

Países orientais ainda são de um modo geral, reconhecidos no imaginário coletivo como lares de povos muito disciplinados e zelosos. Isto, tanto em suas culturas quanto em seu dia-a-dia, devido ao hábito da sociedade de incorporar, desde a infância, a prática de valores transmitidos pelas gerações anteriores. As artes marciais costumam ser uma das principais ferramentas da transmissão desses valores, passando de geração a geração (LIMA, 2000; IEDWAB; STANDEFER, 2001; BREDA *et al.*, 2010; MOCARZEL, 2011). Dessa forma, entende-se que as artes marciais, seus ensinamentos e filosofias, podem vir a influenciar escolhas e decisões de seus praticantes, em variadas culturas pelo mundo. Passaram a incorporar o *habitus* (BOURDIEU, 1990) desses praticantes em suas múltiplas esferas de atuação (profissional, familiar, conjugal etc.).

Com o grande avanço das tecnologias na sociedade mundial (incluindo as forças militares e suas armas), as guerras foram perdendo a característica do chamado confronto corpo-a-corpo (KOPPE, 2009). Durante a primeira metade do século XX, a maioria das guerras e combates ocorridos teve o uso de armas de fogo, incluindo o avião (na segunda metade da I Grande Guerra Mundial – GGM) e as armas nucleares (lançada sobre o Japão no final da II GGM). Deste modo, fazendo com que os fins marciais perdessem espaço para treinamentos de tiro, uso de explosivos e técnicas semelhantes (SANTOS, P., 2006). Entretanto, o surgimento desse tipo de armamento não eliminou os confrontos diretos



e por isso, não impediu a continuidade, criação, modificação e aprimoramento das diversas modalidades de combate corpo-a-corpo (LIMA, 2000; TUBINO; TUBINO; GARRIDO, 2007; PIMENTA, 2009; BREDA *et al.*, 2010).

Desde então, o aspecto sociocultural das artes marciais tornou-se um dos motivos mais fortes para a prática desse tipo de atividade física, já que muitas delas sofreram diversas reformulações em relativa proximidade do período referido (IEDWAB; STANDEFER, 2001; ALMEIDA; CORBETT; GUTIERREZ, 2009; KOPPE, 2009). Isso se deve, por exemplo: à proibição do uso das espadas no antigo Japão pelo império nipônico acarretando na “Revolta das Espadas” em 1877 (NUNES, 2008), o trauma psicológico mundial de combates após a II GGM (OLIVEIRA, 2006) e o processo de adaptação das artes marciais para tornarem-se desportos populares possíveis de serem praticados sem os danos físicos das épicas batalhas do passado e dos antigos treinamentos militaristas, que eram determinantes à sobrevivência de seus praticantes (GÓIS JÚNIOR; LOURENÇO, 2003). Vê-se claramente esse fato na citação de Starepravo e Mezzadri (2003, p. 50): “as técnicas militares deram lugar às técnicas de debate, a retórica e a persuasão, exigindo um maior autocontrole, caracterizando um avanço da civilização”.

#### **4 OS VALORES EDUCACIONAIS PERMEADOS NAS ARTES MARCIAIS**

A todo esse fenômeno de transformação, foi chamado por Norbert Elias (1994) de “processo civilizador” em razão da dimensão ética em favor da humanidade, defendendo que os esportes podem e devem ser educativos, humanizados. Ao encontro desse pensamento, várias artes marciais, incluindo também outras atividades físicas que possuem grande representatividade bélica, como o críquete e o rúgbi (MALCOLM, 2006), sofreram modificações, gerando amplas transformações não só em suas práticas, porém, concomitantemente, em toda sociedade.

Os aspectos socioculturais das artes marciais ganharam relevância e de certo modo, se impuseram aos aspectos anteriores de caráter bélico, transformando as metodologias dos treinamentos na formação de praticantes (MOCARZEL, 2011). Ainda hoje, é comum observar pais, tutores e/ou responsáveis colocarem suas crianças em aulas de artes marciais com a preocupação de que as mesmas tenham valências físicas, cognitivas e psicossociais amadurecidas através dos treinos físicos



e dos ensinamentos filosófico-disciplinares propagados por essas artes (IEDWAB; STANDEFER, 2001; LANÇANOVA, 2006). Outro fato também muito ressaltado é a grande elevação dos valores educacionais em prol da promoção da saúde e qualidade de vida dos praticantes de artes marciais (ARSENY, 2011).

Tal reconhecimento também acontece através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). É de se ressaltar que pelo elevado número de atividades, jogos e desportos de características marciais no Oriente, faz-se notar a importância singular e profunda que as sociedades orientais acolhem essa questão; bem mais que no Ocidente (ALMEIDA, M.; CORBETT; GUTIERREZ, 2009).

Dessa forma, o pensamento filosófico oriental vê grandes diferenças conceituais, principalmente pelo caráter ideológico, entre os termos “marciais” e “bélicos”; se afastando do significado literal (arte da guerra), conseqüentemente, fugindo também do ideário de violência (MOCARZEL, 2011).

Essa idéia parece ser exatamente oposta àquela que, no senso comum, temos das artes marciais, ou seja, a de que seu objetivo é “gerar a violência”. Pelo contrário. O artista marcial encara, vivencia a violência, desde suas mais evidentes até as mais sutis manifestações. Assim, aprende a fazer uso de sua inerente agressividade (instinto necessário à vida), diferenciando-a da violência (requisito humano relacionado à morte) (LIMA, 2000, p.112)

É partindo dessa perspectiva educacional e disciplinar que se defende aqui a conceituação de mais uma vertente do ser humano derivada da internalização das práticas filosóficas e educacionais propagadas pelas artes marciais: o “*Homo Disciplinatus*”. Importante esclarecer que não se adota aqui o significado de “disciplina” no sentido autoritário, rígido, inflexível. De fato, o sentido é direcionado para o ideário do indivíduo zeloso, dedicado, que busca incessantemente a perfeição e a harmonia em todos os seus campos de atuação, seja em âmbito social, profissional ou mesmo em afazeres do cotidiano, por exemplo, fazer um simples chá. Não importa o que um verdadeiro artista marcial venha fazer; ele sempre buscará realizar a ação com muita dedicação, zelo e perfeição; com espírito, mente e corpo unidos àquele objetivo (IEDWAB; STANDEFER, 2001). Essa sim é a proposta aqui expressada sobre o *Homo Disciplinatus*. Pondera-se que a referida busca pela disciplina almejada é constante e de certa forma, inatingível (filosoficamente falando). O ser humano sempre terá algo a evoluir. Mesmo que de forma subjetiva, a máxima seguinte expressa muito bem os aforismos anteriores: “A prática de artes marciais é sobre





a viagem em si, não sobre o destino” (MONAHAN, 2007, p. 43, tradução nossa).

Refletindo sobre essa possível dicotomia do “bom” ou mesmo do “mau” na auto-reflexão do artista marcial traz a preocupação do uso das referidas técnicas para manifestações de violência. Monahan (2007, p. 42, tradução nossa) esclarece que: “É o descaso com a eficiência prática que cria um espaço para transformar as artes marciais em uma avenida para a criatividade humana e auto-expressão”.

Assim, entende-se que o “*Homo Disciplinatus*” não apresentaria manifestações ou atos de violência e isto, por conta de sua natureza educacional na busca da paz e da harmonia constantes, afastando-se do aspecto da guerra e da barbaria brutal (BREDA *et al.*, 2010). Importante elucidar que aqui, diz-se natureza, conforme o pensamento de Dürkheim (1968), tendo a ideia de que a educação é “uma segunda natureza”, no sentido de conter e civilizar a natureza de origem dos homens, enquanto espécie. Ou seja, disciplinar a agressividade “natural” do ser humano.

Eleva-se também que, a afirmação sobre violência pode ser direcionada para diferentes esferas de atuação do ser humano, tanto quanto de toda sociedade. Entende-se desse modo que a postura educacional do *Homo Disciplinatus* busca de forma objetiva estar em harmonia entre corpo, mente, espírito, emoções e com o resto da natureza. Assim, brota nele um profundo respeito pela fauna, flora, pelos objetos e pelo seu próximo. Essa expressão tida pelos povos do Ocidente quase como poética e utópica, na verdade era e ainda é o “código de conduta” dos monges chineses e dos antigos samurais japoneses. Isso é *Tao*; a busca pela harmonia holística (LIMA, 2000); isso é *Bushidô*, o almejado caminho da “arte do guerreiro” (IEDWAB; STANDEFER, 2001).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões tecidas neste artigo vêm de inúmeros estudos, práticas e meditações sobre a temática “artes marciais” e das diversas filosofias e histórias que as mesmas carregam.

Não se tem aqui o objetivo e/ou pensamento utópico de que as artes marciais são a solução para as diversas falhas do ser humano e suas ações violentas no mundo; ou mesmo, que a visão sob o “*Homo Disciplinatus*” é de um ser incorruptível e “onibondoso”. No entanto, compartilha-se do pensamento de Mocarzel (2011) dizendo que as artes marciais são práticas que permeiam milênios da história humana, que buscam o constante aperfeiçoamento



de seus praticantes de forma holística (tocando as áreas afetiva, cognitiva e psicomotora), e ainda sim, trazem consigo a ideia de conhecimento e cultura transdisciplinar; podem sim, e muito, ajudar e contribuir para a harmonia e para a paz na humanidade. Entende-se partindo da premissa anterior, que já seria um importante passo para o ser humano.

Conclusivamente, observa-se que a estruturação do *Homo Disciplinatus*, se sustenta através da educação de um ser humano através de filosofias e práticas constantes em prol da paz e harmonia entre a humanidade; de modo geral, objetivo este compartilhado pelas artes marciais. Assim, se perfaz uma grande e importante reflexão: a educação pode mudar o ser; a educação pode mudar a humanidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de; CORBETT, Claus Augustus; GUTIERREZ, Gustavo Lins. O processo civilizador da marcialidade e a figura feminina. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, v. 10, n. 14, p. 161-179, jan./jun. 2009.

ARAÚJO, Paulo Coêlho de. **Abordagens sócio-antropológicas da luta/Jogo da Capoeira**. Porto: PUBLISMAI, 1997.

ARSENY, Tarabanov. Therapeutic ethos and martial arts. *Ido Movement for Culture Journal of Martial Arts Anthropology*, Rzeszow, v. 11, n. 1, p. 33-36, 2011.

BECKER JÚNIOR, Benno. **Manual de psicologia do esporte e exercício**. Porto Alegre: Novaprova, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Programa para uma sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física** / Secretaria de educação fundamental. Brasília, DF: MEC / SEF, 1998.

BREDA, Mauro *et al.* **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

DADOUN, Roger. **A violência**: ensaio acerca do homo violens. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

DÜRKHEIM, Émile. **Las formas elementales de La vida religiosa**. Buenos Aires: Editorial Schapire, 1968.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

ESCOREL, Sarah. Exclusão social: fenômeno totalitário na democracia brasileira. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 41-57, 1993.

FERREIRA, Fernando Dandoro Castilho. Possibilidades de aproximação entre o processo civilizador e as artes marciais: o caso do Kung-Fu tradicional. In: ENCONTRO DA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOCIOCULTURALES DEL DESPORTE, 1., 2008, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2008. p. 1-8.

GÓIS JUNIOR, E.; LOURENCO, T. G.. Cultura e Ressignificação do Judô no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., 2003, Caxambú. **Anais...** Campinas: Autores associados, 2003. p. 1-4.

HAUSEN, Iano Tolomei. **Artes marciais nas escolas**: Taekwondo pedagógico, o



resgate da arte marcial formativa como recurso de apoio educacional infanto-juvenil em ambiente escolar. Niterói: Escola de Artes Marciais Hodory, 2004.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

IEDWAB, Cláudio; STANDEFER, Roxanne. **Um caminho de paz**: um guia das tradições das artes marciais para jovens. São Paulo: Cultrix, 2001.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; KNIJNIK, Selma Felipe. Sob o signo de Ludens: interfaces entre brincadeira, jogo e os significados do esporte de competição. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 103-109, jun. 2004.

KOPPE, Vinício Renner. **O Kung Fu Tradicional e o Wushu Moderno**. 2009. 58 f. Trabalho de conclusão de curso. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LANÇANOVA, Jader Emilio da Silveira. **Lutas na educação física escolar**: alternativas pedagógicas. 2006. 70 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade da Região da Campanha, Alegrete, 2006.

LIMA, Luzia Mara Silva. **O Tao da educação**: a filosofia oriental na escola ocidental. São Paulo: Ágora, 2000.

MALCOLM, Dominic. O desenvolvimento do críquete com especial referência à teoria dos processos civilizadores de Elias. In: GEBARA, Ademir; PILATTI, Luiz Alberto. (Orgs.). Ensaio sobre história e sociologia nos esportes. Coleção Norbert Elias; v.2, Jundiaí: Fontoura, 2006. p.77-102.

MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. **Artes**

**marciais e jovens**: violência ou valores educacionais? Um estudo de caso de um estilo de Kung-Fu. 2011. Trabalho apresentado como requisito parcial para a avaliação do curso de Mestrado em Ciências da Atividade Física. Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2011.

MONAHAN, Michael. The practice of overcoming: nietzschean reflections on the martial arts. **Journal of Philosophy of Sport**, Milwaukee, v. 34, p. 39-51, 2007.

MURAD, Mauricio. **Sociologia e educação física**: diálogos, linguagens do corpo, esportes. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

\_\_\_\_\_. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

NUNES, Tarcílio Divino. A Era Meiji vista a partir da obra Rurouni Kenshin: modernização, tensões e disputas na construção do novo Japão. In: SEMANA DO SERVIDOR, 4.; SEMANA ACADÊMICA, 5., 2008, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2008.

OLIVA, Ângela Donato *et al.* Razão, emoção e ação em cena: a mente humana sob um olhar evolucionista. **Psicologia**: teoria e pesquisa, Brasília, DF, v. 22, n.1, p. 53-62, jan./abr. 2006.

OLIVEIRA, Rafael Orlando de. **Paidéia à chinesa?**: a formação do indivíduo através da prática do Kung-Fu. 2006. Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura do curso de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2006.

PEREIRA, Cezar Augusto Ferreira; FERON, Patrick Vargas. As artes marciais nas escolas vistas por diversos ângulos. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, año 15, n. 143, 2010.

PIMENTA, Thiago Farias da Fonseca. **A constituição de subcampo do esporte**: o caso do Taekwondo. 2007. Trabalho apresentado



como requisito parcial para a avaliação do curso de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

\_\_\_\_\_. Racionalizando o machucar: processo civilizador e as artes marciais. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: CIVILIZAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 12., 2009, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE, 2009. Disponível em: < [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C\\_Pimenta.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Pimenta.pdf) >. Acesso em: 10 maio 2010.

SANTOS, Roberto Ferreira dos. **A violência no futebol português**: uma interpretação sociológica a partir da concepção teórica de processo civilizacional. 1996. Trabalho apresentado como requisito parcial para a avaliação do curso de Doutorado do curso Ciência do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1996.

SANTOS, Delson Peixoto dos. A arte marcial auxiliando o desenvolvimento escolar: aprendizado para a escola e para a vida!.

**Webartigos** [online], 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/6152/1/A-Arte-Marcial-Auxiliando-O-Desenvolvimento-Escolar-Aprendizado-Para-A-Escola-E-Para-Avida/pagina1.html>>. Acesso em: 01 maio 2010.

STAREPRAVO, Fernando Augusto; MEZZADRI, Fernando Marinho. Esporte, relações sociais e violências. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 1, p. 59-63, jan./abr. 2003.

TUBINO, Manoel José Gomes. Por que Homo Sportivus? In: TUBINO, Manoel José Gomes; CAPINUSSÚ, José Maurício; FERREIRA, Vera Lucia Costa. **Homo Sportivus**. Rio de Janeiro: Palestra Edições Esportivas, 1990. p.1-2.

TUBINO, Manoel José Gomes; TUBINO, Fábio Mazon; GARRIDO, Fernando Antonio C. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

TURELLI, Fabiana Cristina. **Corpo, domínio de si, educação**: sobre a pedagogia das lutas corporais. 2008. Trabalho apresentado como requisito parcial para a avaliação do curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

#### ENDEREÇOS PARA CONTATO

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel (autor para correspondência): Av. Jornalista Alberto Francisco Torres (antiga Praia de Icaraí), 177/1003, Icaraí – Niterói/RJ, CEP: 24230-002, [rafaelmocarzel@globo.com](mailto:rafaelmocarzel@globo.com)

Mauricio Murad: Rua Marechal Deodoro, 217, 2º Andar - Centro – Niterói/RJ, CEP: 24030-060, [m.mauriciomurad@gmail.com](mailto:m.mauriciomurad@gmail.com)